

# LAR "FECHOU AS PORTAS" AO VÍRUS

**No Centro Social e Paroquial de Vilar de Perdizes travou-se uma verdadeira guerra. Um ano e meio após a elaboração do plano de contingência em resposta à Covid-19, olha-se para trás com o sentimento de dever cumprido**

## MONTELEGRE

Em qualquer caso positivo entre os utentes do Lar S. Miguel, o Centro Social e Paroquial (CSP) de Vilar de Perdizes é caso raro no país. O inimigo, invisível, nunca deu tréguas. Oferecia resistência, impunha reforços, resiliência e, sobretudo, trabalho de equipa. Ora em maré alta, ora em maré baixa, todos remavam em prol da segurança dos utentes.

As histórias e vitórias deste (quase) ano e meio de pandemia são, agora, lembradas de lágrima no olho. Nos entretantos, a equipa cresceu, as instalações foram ampliadas e a "sorte" continua a dar muito trabalho.

O Lar S. Miguel, morada fixa de dez idosos em plena pandemia, embora tenha tido registo de dois funcionários infetados com Covid-19, não registou qualquer caso positivo entre os utentes. O sucesso deve-se, segundo Ana Rita Veiga, diretora técnica do CSP de Vilar de Perdizes, às rigorosas medidas de higiene e segurança implementadas pela instituição desde o primeiro dia.

A 13 de março de 2020 o ministro da Administração Interna e a ministra da Saúde assinaram o despacho de Declaração de Situação de Alerta que abrangia todo o território nacional até ao dia 9 de abril.

"Começámos por suspender as visitas e elaborar o plano de contingência. Depois, preparámos a saída dos utentes do Centro de Dia para as suas casas. Tivemos de organizar tudo o que fazíamos aqui, de um dia para o outro. Foi-lhes sempre preparada a medicação, foi prestado o acompanhamento às consultas, a lavagem de

roupas, as refeições ao domicílio e o estar do lado de cá do telefone para tudo o que fosse necessário", explica Ana Rita Veiga.

Quanto à gestão da equipa, "foi uma guerra viva. Tivemos que dar tudo de nós. Ficámos com 40 utentes em casa, 20 do Centro de Dia e outros 20 que já recebiam o nosso apoio, a par dos dez idosos que residiam no lar. O apoio aos domicílios nunca parou, mesmo com casos positivos nas casas", destaca a diretora.

Os funcionários trabalharam em "espelho, durante sete dias e descansavam outros sete, totalmente protegidos, dos pés à cabeça. A par do uso de máscara, luvas e toucas, no apoio domiciliário utilizávamos EPI's (Equipamentos de Proteção Individual), protetor de pés e viseiras. Em cada uma das casas desinfetávamos as mãos e trocávamos a máscara e as luvas", referiu a diretora técnica.

A nível interno, "começou-se a fazer a avaliação de sintomas, a saturação e a temperatura, a funcionários e utentes, algo que mantemos até hoje. Todas as manhãs e todas as noites continuamos a fazer a avaliação de sintomas aos utentes. Os funcionários fazem-no sempre que entram e saem dos turnos", destaca Ana Rita Veiga.

O desconhecido assustava funcionários e utentes. "Nós estávamos tão assustados que precisávamos que alguém acima de nós, ligado ao assunto, nos dissesse que estava tudo bem. A articulação com as entidades foi fundamental", lembra Ana Rita Veiga. A instituição uniu forças com a Segurança Social, com as autoridades de saúde pública e com a autarquia local.

"A partir do momento que surgisse um caso po-



FOTO: MARIANA RIBEIRO

sitivo entre os funcionários, acionávamos o plano de contingência e comunicávamos a situação às famílias dos utentes. Este era o nosso compromisso e assim aconteceu. Tivemos logo o apoio de todas as entidades, telefonemas a perguntar se eram necessárias equipas de resgate e equipamentos".

## ISOLAMENTO

Os utentes estiveram seis longos meses afastados do mundo exterior e das suas famílias. "A solidão afetou-os muito. Houve utentes a vir de internamento e a ficar mais 14 dias aqui em isolamento. Íamos buscá-los ao hospital para que não corressem o risco de ficar infetados na ambulância", explica Ana Rita Veiga.

Apesar de todas estas restrições, Liliana Carvalho, animadora sociocultural, salienta que "houve muita compreensão, tanto da parte dos utentes, como das suas famílias.



**“Foi uma guerra viva. Tivemos que dar tudo de nós”**

ANA RITA VEIGA  
DIRETORA TÉCNICA



**“Termos que transmitir confiança e segurança, a par do esboçar um sorriso sem o poder mostrar aos utentes, foi verdadeiramente difícil”**

CARLOS PIRES  
ANIMADOR SOCIOCULTURAL



**“Não teríamos conseguido levar o barco até hoje se os utentes não nos tivessem ajudado. Deram-nos sempre força”**

LILIANA CARVALHO  
ANIMADORA SOCIOCULTURAL

Não teríamos conseguido levar o barco até hoje se eles não nos tivessem ajudado. Foram extremamente compreensivos com toda a situação e com a equipa. Deram-nos sempre força".

Carlos Pires chegou ao CSP em plena pandemia. "Termos que transmitir confiança e segurança, a

par do esboçar um sorriso sem o poder mostrar aos utentes, foi verdadeiramente difícil. Ao mesmo tempo, foi muito desafiante.

O animador sociocultural destaca que "apesar de procurarem respostas para as suas interrogações, de terem vontade de sair, houve sempre compreensão por parte dos utentes. Coube-nos tentar distraí-los e arranjar outros meios para encurtarem a distância, obrigatória e necessária, e colmatar a saúde, através da tecnologia".

## A RECOMPENSA

Liliana Carvalho confessa que os meses de março a dezembro de 2020 "foram esgotantes. Tivemos, mesmo, os cuidados máximos". O prémio chegou em forma de telefonema, no dia 27 de dezembro de 2020, data da primeira inoculação da vacina contra a Covid-19 no mundo.

"Ligaram-me para dar a lista dos utentes e funcionários que iriam ser vacinados. Achei, sinceramente, que só o estavam a fazer por protocolo. Não pensei que passados dez dias estivéssemos a ser vacinados", confessa Ana Rita Veiga.

A vacinação aconteceu a 5 de janeiro de 2021, no próprio Centro Social e Paroquial. "Tivemos que preparar as instalações para a vacinação e respetivo recobro. Não acreditei que tudo aquilo estava a acontecer", frisa a diretora técnica.

Para Liliana Carvalho, o facto de terem sido o primeiro centro social do concelho e o segundo de dez lares a nível nacional a ser vacinado é a maior gratificação que podia receber. "Diziam que a Covid ia trazer o melhor das pessoas. Eu considero que veio trazer o melhor desta equipa, destes utentes e dos seus familiares. Tudo junto, é o sucesso. Se assim não fosse, não estaríamos aqui hoje a contar a história." ■

MARIANA RIBEIRO